

A Companhia das Ilhas apresenta

A morte dos outros

Paulo da Costa Domingos



Apresentação

Finalmente reunidas em livro prosas dispersas que o poeta Paulo da Costa Domingos publicou nos anos 80-90 na imprensa periódica, sob a ideia estilística genérica de “apócrifos”, exercício literário em que, com a necessária humildade e sem ilusões, são imitados autores como Vincent Van Gogh, Andrei Tarkovskii, Arsenii Tarkovski, Jorge Luis Borges, Mikahil Bakunine, Carlos de Oliveira e Vitorino Nemésio. Ou talvez não...

Excerto

Estala-me o crânio, ouço os guizos imóveis da multidão urbana espoliada do seu prestígio antigo, oiço o gemido inaugural do declínio, e é como uma porta às escâncaras à vibração forte perto da armadilha e do embuste deste meio século. Uma fala que o coração quer; guizos tresloucados. Contra o esquecimen-to, a amnésia anódina de

um tal precipício. Não nos permitimos confundir a cobardia do mutismo álcere das energias da cidade com uma cor primária. Aí, eu evito pintar. Todo o marinheiro sabe azado o mo-mento de recolher a vela e ir à bolina, se pretende proteger da tormenta a gávea.

[Cerúmen de além-túmulo. Carta apócrifa a Théo]

Ficha técnica

Género: Ficção

Ano: 2014

Colecção: azulcobalto

Número de edição: 46

ISBN: 978-989-8592-52-1

Dimensões: 14X22 cm

Nº de páginas: 48

PVP: 10 €

Paulo da Costa Domingos

Lisboa, 1953.

Começa a publicar versos aos dezanove anos de idade, ainda durante a ditadura. Da pouco mais de meia centena de títulos (não nobiliárquicos, apesar do seu espírito aristocrático) que se lhe conhecem, pode ler-se no livro *Carmina [carmes]*, de 1995, um friso de vida literária entre surrealistas, relapsos e desertores. A sua conflituosa passagem, quer pela imprensa periódica, ficando registada no livro *Vaga* (1990), quer pela estupidez crónica, com registo nos livros *Judicearias* e *Corrida de Galgos com Lebre Mecânica* (ambos de 2000), de par com os tumultos suscitados pela sua condução dos trabalhos de co-organizar e fazer imprimir a antologia poética *Sião* (1987), cobriram-no por um estigma público de “mau feitio” somente clarificado aquando da publicação do panegírico *Narrativa*, em 2009.

Paralelamente, é conhecido como editor da Frenesi, e aí – autodidacta filho de seu pai desenhador

cartográfico – fez das artes gráficas uma girândola implacável no seio do nojo estético que pulula pelos escaparates das livrarias. Mas como filho de peixe para saber nadar precisa de seguir o cardume, cedo (logo em 1972) procurou e encontrou no mentor da casa & etc a esteira para os seus destino e deriva, de que deu há pouco notícia pessoal no livro de homenagem a Vitor Silva Tavares, *& etc uma editora no subterrâneo*.

De-novo-de-novo, há a assinalar os títulos das suas obras mais recentes (entre 2004 e 2012): novas versões de *Gogh Uma Orelha Sem Mestre* e de *Asfalto*, e *Nas Alturas* e *O Homem Quase Novo*, que fecham o ciclo-frenesi; de regresso aos velhos hábitos, publica consecutivamente na & etc *A Escrita* (2010), *Averbamento* (2011) e *Versos Abrasileirados* (2012).

Por último: contra a vontade governamental, continuará a escrever na língua portuguesa.



COMPANHIA
DAS ILHAS

Rua Manuel Paulino de Azevedo e Castro, 3
9930-149 Lajes do Pico, Açores, Portugal

TM +351 912 553 059 / +351 917 391 275
TEL +351 292 672 748

www.companhiadasilhas.pt
companhiadasilhas.lda@gmail.com

Leituras, notas críticas

Neste volume curto mas denso, Paulo da Costa Domingos recu-
pera seis textos publicados na revista *Ler*, no início da década de
90. São exercícios de escrita austeros, em que o autor se coloca
no lugar das figuras de quem se aproxima: Vincent Van Gogh,
Andrei Tarkovskii, Jorge Luis Borges, Mikhail Bakunine, Carlos
de Oliveira e Vitorino Nemésio. Evitando a artificialidade do
pastiche, PCD procura tocar o que há de carne viva nas palavras
dos outros. De Van Gogh, retoma o episódio da orelha cortada,
aqui vista como oferta em sacrifício “à voragem da obra”. Em
Tarkovskii, cerca a “mudez que preside ao mistério” a partir da
neblina de dois fotogramas – “que talvez tivessem podido figurar
num dos seus magníficos filmes” – e da beleza áspera dos versos
do pai do realizador (Arsenii Tarkovskii), traduzidos a partir do
inglês. A voz de Borges que surge no “evangelho apócrifo” soa
a falso, não acerta no tom, falta-lhe musicalidade (talvez por ser

“demasiado abstractizante”), mas a de Bakunine, escrevendo a
Wagner de uma prisão em São Petersburgo, traz consigo, intacta,
a força imensa da revolta: “Através das grades do meu buraco
ousou ainda ver os mapas do puro incêndio de cidades explosivas.”
Em “Umbral da Insónia”, a “osmose estilística” com Carlos de
Oliveira faz-se de paisagens rarefeitas e “pontos de desolação”,
todo um processo de desmoronamento: “Há muito desistimos de
perseguir o real, as miragens do futuro sobem, sulfurosas, uma a
uma, dos barrancos.” A prosa de PCD procura os nódulos da ma-
téria, a pedra bruta, uma certa aridez. Única excepção: o conto
“nemesiano”, relato épico do naufrágio de um navio com “lastro”
humano.

José Mário Silva, recensão crítica em *Expresso*, revista *Atual*, 6 de
Dezembro de 2014 (****)

